

A CRUCIALIDADE DA FONOLOGIA: UM OUTRO OLHAR SOBRE *BLENDS* LEXICAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO*THE CRUCIALITY OF PHONOLOGY: ANOTHER GAZE ON BLENDS IN BRAZILIAN PORTUGUESE*Felipe da Silva Vital¹Carlos Alexandre Victório Gonçalves²**RESUMO**

O presente trabalho se presta a analisar os *blends* lexicais no português brasileiro tomando um outro ponto de vista em relação ao qual foi tomado por Nóbrega e Minussi (2015). Neste trabalho, que está dentro do quadro teórico da Morfologia Distribuída, os autores defendem que a fonologia dos *blends* é um tipo de epifenômeno das motivações semânticas que se impõem na criação de *blends*. Neste sentido, nós argumentamos, como uma resposta ao trabalho, que a fonologia é crucial quanto ao processo de formação de palavras em tela, entendendo de maneira premente que a semântica é a motivação básica para criação de todas as palavras já criadas nas línguas. Para isto, argumentamos em favor do papel fundamental da sílaba e do pé métrico enquanto domínios prosódicos (assentando nossa análise sobre a Fonologia Prosódica (ITO; MESTER, 2009)) para a realização destes processos morfofonológicos, considerando em separado os dois subtipos, *blends* ‘fonológicos’ (contando a sílaba como seu domínio) e ‘morfológicos’ (contando o pé métrico como seu domínio), uma vez que ‘*blends* semânticos’ (cf. MINUSSI; NÓBREGA (2014) para esta taxonomia específica), em verdade, não são *blends*. Os dados analisados aqui foram extraídos dos próprios trabalhos citados ao longo do presente texto a partir dos quais estamos debatendo.

PALAVRAS-CHAVE: Morfologia. Fonologia. *Blends*. Sílaba. Pé métrico.

ABSTRACT

This text intends to develop an analysis of lexical blends in Brazilian Portuguese departing from another point-of-view than what has been chosen by Nóbrega e Minussi (2015). In their endeavour, rooted in Distributed Morphology’s framework, they defend a premise that phonology in the blends happens as epiphenomenon of pragmatic pressures that enforce the lexical-blend formation. In this sense, we claim, as in reply to them, that phonology is crucial as to this word-formation process, understanding, first and foremost, that semantics is the base for formation of all words invented in the languages. In order to account for it, we argue in favour of the elementary role of syllable and metrical foot as prosodic domains (basing our analysis on Prosodic Phonology (ITO; MESTER, 2009)) for this morphophonological process, considering separately the two subtypes of lexical blends in Brazilian Portuguese, ‘phonological’ (counting syllable as its prosodic domain) and ‘morphological’ (counting metrical foot as its prosodic domain), once ‘semantic blends’ (see MINUSSI; NÓBREGA (2014) for this specific tripartite taxonomy) actually are not blends. The data analysed here are extracted by the works across this text which we are debating with.

KEYWORDS: Morphology. Phonology. Blends. Syllable. Metrical foot.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), felital82@gmail.com, <https://orcid.org>

² Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), carlosvictorio@letras.ufrj.br, <https://orcid.org/0000-0003-3672-3852>.

Introdução

Este texto, de inflexão teórico-descritiva, presta-se a duas reflexões: a primeira diz respeito às afirmações, feitas por Nóbrega e Minussi (2015), no que tange à constituição formal dos produtos, para o que chamam de ‘*blends fonológicos*’, a exemplo de ‘Micheque’³. No artigo, os autores sustentam a defesa de que esses *blends* (a) são motivados por questões estilísticas (i.e. pragmáticas) e (b) a fonologia que diz respeito à “sobreposição de segmentos idênticos” (NÓBREGA; MINUSSI, op. cit, p. 158) é um epifenômeno dessas questões. A segunda perspectiva deste texto gira em torno do que Minussi e Nóbrega (2014) chamam de ‘*blends morfológicos*’, a exemplo de ‘rodrimar’ (‘rodrigues + mar’, uma empresa portuária)⁴.

Propõe-se, aqui, uma discussão em torno do segundo tipo de *blend*, endossando o que os autores postularam para o primeiro tipo quanto ao ponto em (a), enquanto propomos um olhar também para o ponto em (b). Os autores partem de uma revisão sobre os cruzamentos vocabulares sustentada por vários teóricos, entre os quais notadamente Gonçalves. Para este último autor, os cruzamentos vocabulares correspondentes aos ‘*blends fonológicos*’ se caracterizam pelo que Piñeros (2000) chama de *ambimorfemia*, um correlato para “sobreposição de segmentos idênticos”, dos ‘*blends fonológicos*’ de Minussi e Nóbrega (2014).

Assim, tanto na perspectiva taxonômica de ‘*blend fonológico*’ quanto na perspectiva de ‘ambimorfemia’⁵, o que define esse tipo de fusão vocabular, de um ponto de vista propriamente fonológico, é a semelhança fonética no ponto de sobreposição das bases envolvidas. Nesse sentido, a fonologia, nesse tipo de *blend*, reside na identidade (ou ‘correspondência’, para McCarthy e Prince, 1993) dos ‘segmentos idênticos’ entre as bases envolvidas – tanto na perspectiva de Nóbrega e Minussi quanto nas de Gonçalves.

Em linhas gerais, argumentamos em favor da fonologia sendo crucial (e não epifenomênica), com base na Hierarquia Prosódica, na perspectiva defendida por Ito e Mester (2011), um modelo de organização da estrutura prosódica dos enunciados linguísticos que dispõe de categorias imediatas (entre as quais, no caso, a sílaba). Entendemos que, em *blends* desse tipo, mesmo quando não há ‘sobreposição de segmentos idênticos’, como no caso de ‘burrocracia’ ([r], de ‘burrocracia’ ≠ [X], de

³ Na literatura sobre o português, há diversos nomes para esse tipo de *blend*: portmanteaux (ARAÚJO, 2002), FUVÉ (Fusão Vocabular Expressiva – BASILIO, 2005), entranhamento lexical (ANDRADE, 2008) e *blend fonológico*, como optam os autores referenciados no corpo do texto.

⁴ Novamente aqui, a terminologia varia: telescopes (ARAÚJO, 2002); combinação truncada (ANDRADE, 2003) e *blends morfológicos*, como preferem os autores.

⁵ Quanto ao ponto diferenciador dessas duas “perspectivas taxonômicas”, que propriamente justifica a distinção, é que, para a perspectiva defendida por Gonçalves quanto aos cruzamentos vocabulares, a motivação do processo de *blend fonológico*, enquanto, para a perspectiva defendida por Minussi e Nóbrega (2014), a motivação para o processo é de *blend semântico*. Gonçalves (2003) defende que, em contraposição a palavras compostas, cruzamentos vocabulares se atualizam em uma única palavra prosódica, servindo como uma espécie de ajuste fonológico, o que Nóbrega e Minussi (2015) refutam no texto, mostrando dados que instabilizam a premissa de “única palavra prosódica/pauta métrica da base maior” para os *blends*. Para estes autores, por sua vez, questões semântico-pragmáticas é que motivam a mesclagem que ocorre nos *blends*.

‘burra’), ‘p**il**antropia’ ([p], de ‘pilantra’ ≠ [f], de ‘filantropia’), ou chafé ([ʃ], de **ch**á ≠ [k], de ‘c**af**é’), há compartilhamento de estatuto silábico entre os elementos envolvidos no ponto de fusão.

Em relação à segunda discussão, sobre os ‘*blends* morfológicos’, argumentamos em favor da fonologia nesse tipo de *blend* também com base na Hierarquia Prosódica, uma vez que a porção linguística envolvida em *blends* desse tipo em geral corresponde à configuração de pé métrico comum, como em ‘brasiguai**o**’ (‘brasileiro’ + ‘paraguaio’) e ‘futev**ô**lei’ (‘futebol’ + ‘vôlei’).

Quanto às questões morfossintáticas subjacentes aos *blends*, que não serão abordadas no escopo deste texto por acreditarmos serem questões laterais ao processo e ao produto nos *blends*, a literatura mais recente (RIO-TORTO, 2014; VILLALVA; MINUSSI, 2022) aponta para diferentes combinações entre as bases envolvidas no *blend*, bem como diferentes posições (direita ou esquerda) em que os núcleos costumam aparecer. Marangoni Jr. (2021) aponta que *blends* envolvem diferentes combinações de classes gramaticais em geral e se assemelham aos compostos de estrutura [radical + palavra], como *hidroginástica*. Chamamos atenção apenas para os casos de coordenação de bases verbais formando verbos, a exemplo de ‘chorrir’ e ‘empresdar’, o que jamais ocorre na composição. No entanto, o que pretendemos questionar, aqui, é o estatuto da fonologia como epifenômeno, uma vez que os aspectos formais (SILVEIRA, 2002; ANDRADE, 2008) e os semântico-cognitivos já foram bem abordados (ÁLVARO, 2003; PIZZORNO; ANDRADE, 2009; FURTADO, 2016).

Os dados analisados aqui são oriundos dos artigos que estão sendo usados com base, dispostos ao longo do artigo. O texto se divide, além desta introdução e das referências finais, em quatro partes: a primeira diz respeito à proposta feita por Nóbrega e Minussi (2015). A parte seguinte traz uma breve consideração a respeito da Hierarquia Prosódica. A terceira parte contém a análise morfoprosódica dos ‘*blends* fonológicos’ (cruzamentos vocabulares por *interposição lexical*) e dos ‘*blends* morfológicos’ (cruzamentos vocabulares por *combinação truncada*). Por último, a quarta parte traz observações finais sobre o texto, em especial a parte da proposta feita por Nóbrega e Minussi (2015) e a análise morfoprosódica aqui defendida.

1. A proposta de Nóbrega e Minussi (2015) para os ‘*blends* fonológicos’

O presente texto não se propõe a defender ou refutar alguma inclinação teórica, *a priori* ou *a posteriori*, tampouco propor uma fundamentação teórica como mais ou menos relevante para a análise do fenômeno em tela. A proposta consiste em uma descrição, de um ponto de vista formal, dos *blends* pelo prisma dos constituintes da hierarquia prosódica. Porém, é inegável que qualquer ponto de vista teórico implica desafios para a análise, uma vez que é preciso dar conta dos fenômenos considerando um quadro de ideias nucleares e hipóteses auxiliares que sustentam esse ponto de vista.

A Morfologia Distribuída⁶, ao adotar uma visão sintática para o estudo da palavra e desmembrando a noção estruturalista de morfema, lida bem, de maneira geral, com questões funcionais e abstratas,

⁶ Para um panorama teórico da Morfologia Distribuída, ver o próprio texto de Nóbrega e Minussi (2015); e obras clássicas, como Halle e Marantz (1993), Marantz (1997); Embick e Noyer (2007), para uma apreciação histórica aprofundada do surgimento e desenvolvimento das ideias centrais do modelo.

uma vez que assume a noção sintática de estrutura de constituintes à palavra, extraindo da semântica atribuível à raiz a centralidade da análise, contrariamente à tradição lexicalista anterior do estudo da formação das palavras na linguística gerativa (CHOMSKY, 1970; HALLE, 1973; ARONOFF, 1974; LIEBER, 1980).

Entretanto questões propriamente formais relativas à palavra, como constituição silábica, escansão métrica, distribuição tonal, sobretudo quando com reverberação na estrutura morfológica, interna, constituem-se como “stumbling blocks” (obstáculos) para o desenvolvimento de um modelo de gramática que acomode melhor a fonologia (em suas dimensões de especificidade e de interface), dada a própria centralidade do modelo. Geralmente, explicações muito requintadas são demandadas para se explicar, pelo viés sintático, fenômenos de interação com a fonologia, tal como os casos citados acima, e o que entendemos para os *blends*⁷.

É válido destacar que, como McCarthy e Prince (1993), Piñeros (2000) e Bauer (2003) consideramos os *blends* um subtipo de morfologia não concatenativa e que, em relação aos demais processos não concatenativos (tais como siglagem, reduplicação, truncamento e a hipocorização), há uma literatura consistente tanto no exterior (cf. MCCARTHY, 1981; MCCARTHY; PRINCE, 1990; 1993, 1995) quanto no Brasil (GONÇALVES, 2003; 2009; 2016), bem como vários textos que se desenvolveram a partir dos citados) que parece endossar que sua sistematicidade repousa na relação entre a morfologia (na formação da palavra nova e na exploração do sentido nessa palavra nova) e a fonologia (no mapeamento regular de porções sonoras/prosódicas a partir de algum input).

Em relação aos *blends fonológicos*, escopo de Nóbrega e Minussi (2015), os autores apresentam, de início, uma reflexão sobre a definição dos *blends* e a diferença em relação a outros processos com base em uma revisão básica da literatura sobre os *blends* em PB (GONÇALVES, 2005; VILLALVA, 2008; SCHER, 2011). Os autores debatem a motivação fonológica, defendida por Gonçalves (2003), em que o autor estrutura a análise que é base para seus textos posteriores sobre o assunto.

Para Gonçalves, *blends*, em oposição aos compostos, atualizam-se sob um único acento, mantendo a pauta métrica da base maior. Nóbrega e Minussi (2015), entretanto, trazem dados que refutam a premissa por trás da motivação fonológica defendida por Gonçalves. Para os autores, “os *blends*, no entanto, não se restringem a formações que tenham a extensão de uma única palavra prosódica. No PB, por exemplo, encontramos *blends* formados a partir de duas palavras prosódicas” (NÓBREGA; MINUSSI, 2015, p. 167).

⁷ A morfologia não concatenativa em geral, a nosso ver, quando olhada pelo panorama teórico da linguística gerativa, parece constituir evidência empírica interessante para se entender a fonologia para além de um componente meramente interpretativo. Estamos falando não apenas da formação de palavras, mas também de fenômenos como a mutação vocálica na expressão do gênero (form[o]so X form[O]sa), a alternância acentual na expressão de categorias morfológicas (fábrica X fabrica) e outros tantos fenômenos de interface amplamente descritos na literatura de várias línguas naturais: a harmonia nasal, a transfixação, a mutação consonantal etc.

(01) Extraído de Nóbrega e Minussi (2015, p. 168)

Neymaradona	<<	Neymar + Maradona
Camisinholência	<<	camisinha + violência
Dilmalandra	<<	Dilma + malandra

Embora a premissa ‘única palavra prosódica/pauta métrica base maior’ seja coerente com a maior parte dos *blends*, os dados acima mostram que essa premissa deve ser vista como categoricamente assertiva se se estipula que se refere a algum protótipo de *blends*, mas não para a categoria dos *blends* fonológicos como um todo. Por outro lado, afirmar que os dados em (01), sem qualquer evidência empírica, não envolvem uma única palavra fonológica nos parece forte demais, pelo menos para dois dos três exemplos: ‘Neymaradona’ e ‘Dilmalandra’. Essa questão levou os autores, com base em Minussi e Nóbrega (2014), a propor que a motivação para os *blends* seja de outra natureza:

Em contrapartida, Minussi e Nóbrega (2014) argumentam que o input para a criação dos *blends* é semântico, uma vez que a ausência de segmentos idênticos em *blends* como boacumba < boa + macumba, showmício < show + comício e açãoxonado < apaixonado + cão não bloqueia sua formação. Além disso, o caráter cômico/jocoso associado aos *blends* deriva, primeiramente, da oposição semântica entre suas palavras-fontes (e.g., boilarina < boi + bailarina), ou da modificação causada por uma das palavras-fontes à outra (e.g., apartamento < apartamento + apertado), mas não da sobreposição ou apagamento de segmentos fonológicos (MINUSSI; NÓBREGA, 2015, p. 168).

Com base nisso, que parece ser - de fato - um fato, os autores atestam que a motivação dos *blends* é semântica, ponto pacífico também para nós, que entendemos que os *blends* lexicais são oriundos da mesclagem conceptual, habilidade inerente à cognição humana (FAUCONNIER; TURNER, 2002)⁸. Então, os autores concluem que, quanto ao caso dos *blends* tipicamente fonológicos, aqueles que se caracterizam pela ‘sobreposição de segmentos idênticos’ (NÓBREGA; MINUSSI, 2015, p. 158), a interposição surge como consequência da própria relação semântica entre as bases, sendo a fonologia que caracteriza esse subtipo de *blends*, para os autores, um **epifenômeno** (grifo nosso) dos efeitos expressivos associados à pragmática dos *blends*. Em outras palavras, nessa visão, a sobreposição dos segmentos idênticos é efeito da semântica associada aos *blends*, não sua causa.

A motivação de todos os processos de formação de palavras é sempre semântica, como aponta Basilio em seu clássico Teoria Lexical (1987). No caso dos *blends*, no entanto, argumentaremos que a fonologia não pode ser um epifenômeno porque, inclusive, pode reger a escolha das bases que o conceptualizador deseja fundir. A mistura das bases, portanto, é motivada também pela sua estrutura prosódica, o que nos possibilita afirmar que a fonologia está longe de ser um apenas um efeito, um produto acidental, acessório, ou que não tem efeitos próprios.

⁸ O processo de mesclagem conceptual é construído a partir da integração de espaços mentais cujos conteúdos relacionam uma rede de conceitos advindos de esquemas conceptuais como os *Frames* e os Modelos Cognitivos Idealizados.

2. Breve nota sobre a Hierarquia Prosódica: sílaba e pé métrico

O suporte teórico para a análise pretendida neste texto, bem como os instrumentos de formalização das representações que serão apresentadas, vêm da Fonologia Prosódica (na versão de ITO; MESTER, 2009). Em linhas gerais, a Fonologia Prosódica é uma estrutura de organização do texto em termos de estrutura prosódica de constituintes imediatos. As unidades prosódicas, vistas em termos de árvore métrica, constituem-se de uma estrutura de constituintes que, organizando-se entre si, propiciam a construção de um nível imediatamente superior.

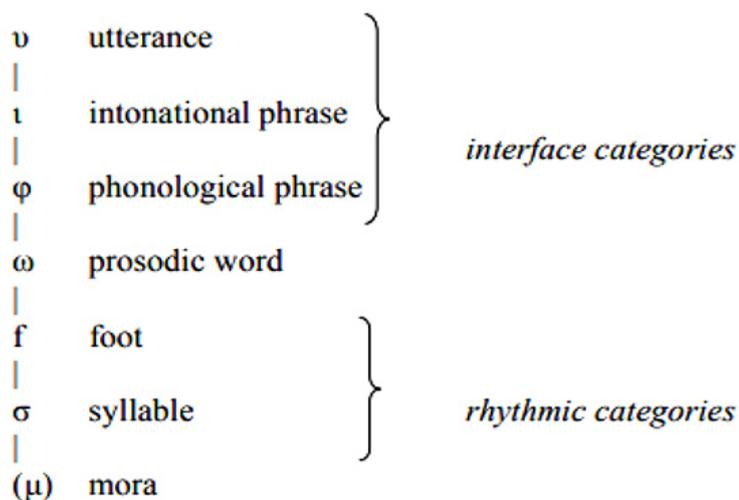
Tal como McCarthy e Prince (1990) propuseram para a sua morfologia prosódica circunscritiva, lidaremos aqui com as categorias mais baixas da hierarquia, ou seja, as categorias que fazem referência à morfologia mais diretamente, *categorias rítmicas*, nas palavras de Ito e Mester (2009, p. 1). No caso dos *blends*, nossa análise se aterá à sílaba e ao pé métrico.

Sobre o ritmo, em se tratando de Fonologia Prosódica (ITÔ; MESTER, 2009), uma organização hierárquica do texto, a partir de categorias da prosódia não relacionadas, inerentemente, a categorias da morfologia ou da sintaxe, dispõe das unidades internas à palavra e das unidades de níveis mais altos:

As unidades ‘internas à palavra’ (sílabas, pés métricos e, possivelmente, moras) são intrinsecamente definidas em termos fonéticos relacionados à sonoridade e ao ritmo do discurso, enquanto a análise de unidades ‘(iguais ou) mais altas que a palavra’ (palavra prosódica, grupo fonológico, sintagma entoacional) é regulada por restrições, baseadas em alinhamento e outras, sobre correspondência entre categorias morfossintáticas e constituintes fonológicos’(ITO; MESTER, 2009, p. 1 – tradução dos autores)⁹.

Os autores formalizam a hierarquia da seguinte forma:

(02) Extraído de Itô e Mester (2009, p. 1)



⁹ The word-internal units (syllable, foot, and perhaps mora) are intrinsically defined in terms of sonority-related phonetic factors and speech rhythm, whereas the parsing of higher-level units (prosodic word, phonological phrase, intonational phrase, etc.) is regulated by constraints, alignment-based and other, on the correspondence between syntactic/morphological and phonological constituents (2009:1).

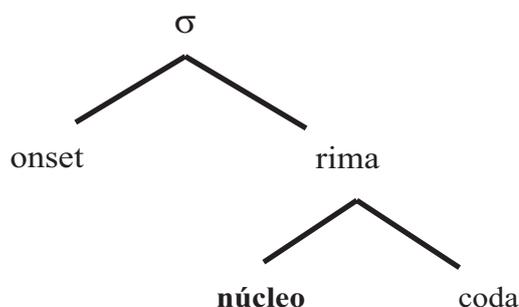
Embora uma das premissas básicas do modelo seja o fato de as categorias prosódicas não estabelecerem nenhum isomorfismo com categorias morfossintáticas (i.e. com a estrutura arbórea de constituintes sintáticos), Vital (2023) chama a atenção para como ‘palavra’ é uma categoria compartilhada tanto pela sintaxe quanto pela prosódia (fonologia).

Das ‘categorias rítmicas’, ou seja, as que são construídas com base em questões fonéticas e na posição/valor de determinado constituinte em uma estrutura rítmica maior, no caso dos *blends*, a sílaba e o pé métrico são as mais relevantes na perspectiva formal das bases/produtos envolvidos. Moras¹⁰ e palavras prosódicas, muito relevantes para a morfologia de muitas línguas do mundo, não se constituem como domínio para a formação de *blends* em português. Vale destacar que as moras são relevantes quando o pé métrico é a categoria prosódica de domínio para a formação do *blend* (no caso, o cruzamento vocabular por combinação truncada/*blend* morfológico) e isso é particularmente diferente de dizer que a mora é um domínio em si.

Em relação à sílaba, há basicamente duas perspectivas de concepção: (a) autossegmentalmente, em que os segmentos são ligados a uma camada silábica (KAHN, 1976), ou (b) hierarquicamente, em termos de árvore métrica, em que os segmentos são tidos como terminais que materializam uma relação hierárquica entre subconstituintes silábicos (SELKIRK, 1982).

Assumimos a perspectiva de representação em árvore, uma vez que entendemos que há independência entre os subconstituintes, no sentido de serem independentemente domínios para aplicação de processos fonológicos nas línguas do mundo; e há uma hierarquia interna à sílaba, na qual o **núcleo** é o subconstituente mais proeminente.

(03) Estrutura hierárquica interna à sílaba



Como moras não exercem domínio para a formação de *blends* em PB, em relação aos elementos moraicais na sílaba em português, o núcleo e a coda, assumimos como relevantes para os *blends* apenas o núcleo, já que sílabas podem não ter coda, mas nunca podem deixar de ter núcleo. Com isso, assumimos que os subconstituintes mais relevantes para a formação dos *blends* são o ataque e a rima. Nesse sentido, *blends* em que a sílaba se constitui como domínio acessam informações referentes a ataque e rima.

¹⁰ Unidades de tempo que compõem as sílabas e são independentes dos segmentos a que estão associadas na materialização (ver HYMAN, 1985).

Em relação ao pé métrico, Bisol (2001, p. 109) define como sendo “a junção de duas ou mais sílabas em que se estabelece uma relação de dominância, de modo que uma delas é a cabeça e a outra ou outras, o recessivo”. Vital (2023), em uma proposta de historiografia do tratamento do acento em obras seminais da fonologia gerativa, de 1951 a 2001, apresenta como o pé métrico era tido como o elemento básico de projeção rítmica, no qual a cabeça (para Bisol) é a projeção de proeminência-base para a distribuição do acento nas palavras na perspectiva do tratamento do acento pós-SPE (LIBERMAN, 1975; LIBERMAN; PRINCE, 1977; PRINCE, 1983).

Com isso, o pé métrico pode ser tido como uma combinação local e hierárquica de moras ou sílabas em que se projeta uma proeminência básica ou é delimitada por algum tipo de proeminência (básica, no caso de acento secundário; ou propriamente lexical). Ainda segundo Bisol (2001), no escopo da Fonologia Prosódica, pés métricos, tais como as outras categorias, são n-árias (podem ser formados por um número não delimitado de subconstituintes).

No caso dos *blends* em que os pés métricos se constituem como domínio prosódico, assumimos que pés métricos sejam predominantemente binários (em nível de número de sílabas ou de moras), embora atue uma condição de *strict succession* (SELKIRK, 1984; NESPOR; VOGEL, 1986; ITO; MESTER, 1992; HYDE, 2001)¹¹, que equaciona moras/sílabas extras, além de licenciar ‘estruturas degeneradas’ a um pé pertencente à mesma palavra base, fazendo com que todas as moras/sílabas sejam escandidas a um pé, sem que haja salto de etapa sílaba > palavra prosódica.

3. Análise morfoprosódica dos ‘*blends fonológicos*’ e ‘*blends morfológicos*’

Quanto aos *blends* como um todo, três etapas gerais regulam o processo: (a) mesclagem conceptual de bases, (b) maximização da menor forma de base (ou maximização da base que contribui com a menor quantidade de material fonético) e (c) não homonímia/homomorfia em relação a formas lexicais ou morfológicas já existentes na língua (cf. ANDRADE, 2008).

Como dito anteriormente, a sílaba e o pé, legítimos constituintes da hierarquia prosódica, são, cada qual, domínio para um dos tipos de *blend*: a sílaba se constitui como domínio prosódico para o subtipo ‘*blend* por sobreposição lexical’, enquanto o pé métrico constitui domínio para o subtipo ‘*blend* por combinação truncada’, como argumentamos nas próximas subseções.

3.1. ‘*blends fonológicos*’ (ou entranhamento lexical)

Quando dizemos que a ‘sobreposição de segmentos idênticos’ (ou a ambimorfemia) não é o fator principal de *blends* fonológicos, não estamos dizendo que não é um fator em si relevante; apenas defendemos que os *slots* silábicos nos quais os segmentos semelhantes se manifestam nas sílabas das palavras correspondentes são um fator premente. Acreditamos que a semelhança fonética seja

¹¹ A condição de *strict succession* em relação a pés métricos é plenamente ativada em casos em que o material escandido das bases não corresponda a pés binários (a nível de moras e sílabas), que são casos excepcionais. e casos excepcionais demandam dispositivos excepcionais de análise que se diferenciam de dispositivos categóricos por conta de que dispositivos excepcionais têm menor alcance em relação a padrões lexicais (c.f. BECKER, 2009).

um fator pragmático de sucesso para os *blends* desse tipo. Quando muito, a correspondência fônica (idêntica ou não idêntica) acomoda casos como ‘neymaradona’, ao qual nos deteremos adiante.

Os dados abaixo, extraídos de Villalva e Minussi (2022), trazem *blends* formados por entranhamento lexical

(04) Traficante + crente	=	traficrente
Cão + candidato	=	cãodidato
Burka+ biquíni	=	burkini
Pistola + metralhadora	=	pistralhadora
Drama + comédia	=	dramédia
Escopeta + guitarra	=	escopetarra

A bem da verdade, Gonçalves (2003) já falou sobre a questão do estatuto silábico acerca dos cruzamentos vocabulares tipo 1 (ou sobreposição lexical ou *blends* fonológicos) em nota de rodapé: “a semelhança fônica deve ser interpretada não como mera presença de um segmento comum, mas como uma semelhança em termos de posição na estrutura da sílaba” (GONÇALVES, 2003, p. 826). Nesse sentido, este texto não traz algo essencialmente novo, exceto o fato de tratar como crucial, justificando o título deste artigo, o que foi tomado como nota de rodapé, vinte anos antes, quanto aos *blends* fonológicos.

Em todos os dados de (04), a unidade silábica envolvida é o onset, constituinte idêntico em todas as formas que passam pelo *blending*¹². Esse ponto de fusão é tão relevante que determina a ordem das bases, que, sem contexto, levariam os produtos a ser interpretados coordenativos. Qual a razão de, por exemplo, ‘drama’ aparecer na primeira posição se ‘comédia’ não se subordina a ‘drama’? Por que motivo ‘cão’ aparece na primeira posição, violando a condição de igualdade entre palavra fonológica e palavra morfológica, a não ser pela sobreposição explora tanto o onset quanto os elementos da rima? Que combinações sem compartilhamento, como ‘crentetrafica’, seriam possíveis por conta do acesso às formas de base?

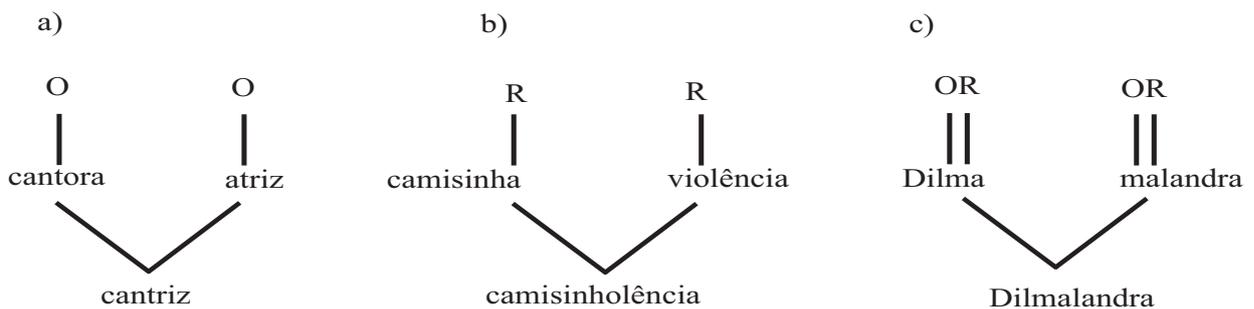
Na verdade, essas formas em (04) só se justificam pela fonologia, pois, sem esse componente, acabaríamos tendo duas outras saídas: (a) uma combinação truncada pelo menos estranha: ‘comedrama’ ou ‘biquiburka’; ou (b) uma composição: ‘pistola-metralhadora’, ‘guitarra-escopeta’. Acreditamos que o ‘conceptualizador’, ao criar as formações, teve a intenção de fundir e, para isso, acessou a estrutura da sílaba, favorecendo, em (04), o onset.

¹² A título de elucidação, quando dizemos *blending*, estamos nos referindo ao processo morfológico em si (ou a um dos seus dois subtipos); e, quando falamos *blend*, referimo-nos às palavras formadas pelo processo morfológico, ou seja, ao produto da operação morfológica.

Outras questões fonológicas que se mostram laterais, face à premência da estrutura interna à sílaba, são (1) a localização dos acentos e (2) a quantidade de número de sílabas das bases, mesmo que esses fatores estejam presentes na maior parte de *blends* desse tipo. Entendemos que essas questões, sim, são laterais em relação à estruturação interna da sílaba, uma vez que alguns *blends* fonológicos não apresentam sensibilidade à localização acentual e à quantidade de sílabas das bases (e também que atuem com segmentos totalmente distintos entre si), tendendo, assim, a satisfazer à questão da estruturação silábica interna.

As representações dos *blends* fonológicos abaixo (extraídos de Nóbrega e Minussi, 2015, p. 168) trazem casos em que a fusão se deu, respectivamente, pelo compartilhamento de onset-onset (O-O) (05a), rima-rima (R-R) (05b) e onset+rima (O/R) (05c). Em (05a) e (05c), há correspondência idêntica entre os elementos envolvidos. Em (05b)¹³, os segmentos envolvidos não os mesmos, embora em todos os casos, de correspondência idêntica ou não idêntica, o estatuto intrassilábico seja o mesmo. Em (05a), especificamente, vê-se que a pauta métrica do produto, além de não seguir a base maior, como em uma proposta de ‘molde’, o produto ainda é menor do que a base maior (no caso, coincidindo com a extensão da palavra base menor, que é ‘atriz’).

(05)



Como dito na seção sobre a Fonologia Prosódica, *blends* desse tipo “enxergam” a sílaba a partir de O e R, em geral, mas *blends* fonológicos resgatam o onset e a rima pelos seus elementos mais salientes. O mapeamento acontece em termos de [Onset]+[Onset] em geral, primariamente, e em termos de [Onset-Rima]+[Onset-Rima] como segundo *locus* silábico preferencial para esse tipo de *blend*. Mais raramente, ocorrem fusões envolvendo somente a [Rima]+[Rima], como ‘cantautor’ (cantor + autor), por exemplo.¹⁴

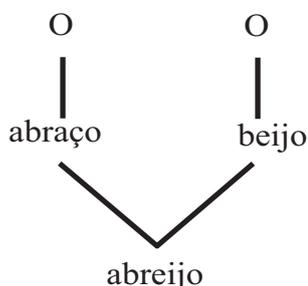
¹³ O exemplo é, pelo menos ambíguo, pois muitas palavras da língua terminam na sequência *olência*: benevolência, indolência, violência, insolência, condolência, malemolência, malevolência, obsolência, sonolência, sanguinolência, insonolência, malimolência etc. Como diria Basilio (2005), é um *blend* mal-sucedido, pois o que se preserva da segunda palavra se assemelha a uma sufixação. Andrade (2008) traduziu esse fato em uma restrição de boa-formação para *blends*.

¹⁴ Dados que ilustrem os padrões de fusão mais recorrentes, ‘[Onset]+[Onset]’ e ‘[Onset-Rima]+[Onset-Rima]’, respectivamente, são ‘girafoca’ (girfa + foca) e ‘dilmalandra’ (dilma + malandra).

De um modo geral para *blends* fonológicos, a manutenção do elemento menos saliente do onset (a líquida em segunda posição, em ‘atriz’) e do elemento menos saliente da rima (o glide/a consoante que vem após o núcleo) depende de questões de maximização das bases e transparência semântica no resgate conceptual das bases mescladas. As sílabas, como um todo, estão em jogo nos cruzamentos em que as duas bases são extremamente semelhantes, como é o caso de ‘apertamento’, ‘cartomente’ e ‘crentino’. Observe-se que os *blends* são do tamanho da base mais longa e a correspondência de apenas um elemento não idêntico reitera ainda mais o papel da fonologia como componente que caminha de “mãos dadas” com a semântica.

Essa perspectiva geral de enxergar os constituintes intrassilábicos das bases envolvidas pode ser ilustrada nos casos abaixo: maximização da base que menos empresta material ao produto; preenchimento tardio de onset com base em semelhança fônica. O primeiro dos casos pode associar-se ao *blend* fonológico ‘abreijo’, formado pelas bases ‘abraço’ + ‘beijo’, em que a palavra base maior empresta menos material para o *blending*¹⁵. O mapeamento dessa fusão é [Onset]+[Onset] (O+O), mas a base maior apresenta um elemento extra, a soante [r] no onset, à direita da cabeça, a consoante [b]. A manutenção desse segmento à direita da labial, nesse caso, está associada ao resgate semântico-cognitivo da base ‘abraço’. Vale destacar que, na contraparte semântica, o *blending* se presta a mesclar cognitivamente duas bases, que se mantêm transparentes no produto. A representação de ‘abreijo’ segue abaixo:

(06)

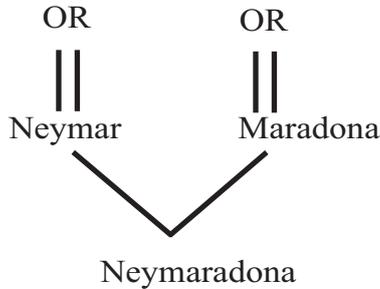


Em (06) acima, o fato de o onset da base maior conter mais de um elemento, que permanece no produto, não instabiliza a generalização acerca da estrutura intrassilábica, uma vez que *blends* fonológicos acessam Onset e Rima, de maneira geral, e a permanência de um segmento que não encontra correspondente silábico na outra base se justifica por razões semântico-cognitivas e/ou fonológicas (no caso, a razão é de ordem semântico-cognitiva).

¹⁵ Em ‘abreijo’, a base ‘abraço’ é maior que a base ‘beijo’, mas, no *blend*, a base de maior, ‘abraço’, contribui com menos material fonético que a base menor, ‘beijo’, o que mostra que nem sempre ‘base menor = menor contribuição de material no produto’.

O outro caso que parece servir como evidência empírica para a premência da estrutura intrassilábica sobre outros fatores fonológicos (sobretudo a questão dos segmentos idênticos) é um dos dados trazidos em (01), ‘neymaradona’, formado pelas bases ‘Neymar’ + ‘Maradona’ em que há a manutenção do segmento extra (no caso a consoante final da última sílaba de ‘Neymar’)¹⁶. A formalização do *blend* segue abaixo:

(07)



Caso a última consoante da base ‘Neymar’ não sofra processo de síncope anteriormente ao *blend*, há duas possibilidades de entender o caso acima: ou o segmento final dessa base caiu no momento do processo morfológico, ou a consoante final, em posição de Rima (à direita do núcleo da sílaba), permanece e se funde à consoante da segunda sílaba, da esquerda para a direita da base ‘Maradona’, que ocupa a posição de Onset nessa base.

A vantagem da primeira perspectiva é que cabe perfeitamente na questão do compartilhamento de estatuto intrassilábico, argumento que não pode ser usado, sem ajustes de reparação, para a segunda perspectiva, em que a consoante final da base ‘Neymar’ permanece no momento do *blending*. A segunda perspectiva traz um problema: se as consoantes estão associadas a *slots* silábicos distintos, como se sustenta a argumentação da premência da estrutura intrassilábica sobre a questão da identidade fonética?

A título de escolha entre os caminhos de análise, optamos pela segunda perspectiva, uma vez que o fato de ambas as bases compartilharem, numa relação [Onset-Rima]+[Onset-Rima] (O-R+O-R) a sequência ‘ma’ esteja em consonância com a generalização feita anteriormente: cruzamentos vocabulares desse tipo aplicam a função de *parsing* a onsets e rimas de um modo geral.

O fato de o rótico final de ‘Neymar’, em posição de rima, ter permanecido no produto do *blending*, em correspondência com o tepe (em maiúsculo), de maRadona, em posição de onset, parece ser uma tendência geral de maximização do ataque silábico em detrimento da posição de coda, um universal linguístico de silabificação. Neste sentido, a manutenção do ‘segmento extra’ é de razão fonológica.

Outra questão que corrobora para a premência do estatuto silábico sobre outros fatores fonológicos (em especial, a identidade fonética entre as bases, ou seja, a ambimorfemia) é o fato de

¹⁶ Se, no caso, o segmento /R/ final cai, não há manutenção de segmento extra no produto, e a correspondência seria puramente do tipo [Onset-Rima]+[Onset-Rima].

que, na esteira de ‘neymaradona’, *blends* tendem a evitar a correspondência de elementos fônicos com estatuto intrassilábico distinto quando esse compartilhamento não acompanha compartilhamento de porções proeminentes de um onset (a primeira posição) e de uma rima (o núcleo silábico), ou seja, se elementos com estatuto silábico distintos passarem a servir como ponto de fusão de *blends* fonológicos sistematicamente, isso se configuraria como evidência empírica capaz de inviabilizar uma generalização que evidencie a premência do estatuto silábico em detrimento da identidade (ou correspondência) fonética, favorecendo esta última perspectiva analítica, o que efetivamente não ocorre nos dados.

De um modo geral, as observações abaixo constituem motivação subjacente à pertinência de uma análise que privilegie a premência do estatuto silábico sobre a correspondência sonora, idêntica ou não-idêntica:

- ***Blends* tendem a compartilhar o estatuto intrassilábico dos elementos do ponto de fusão mesmo quando não há correspondência idêntica (‘sobreposição de segmentos idênticos’);**

- **Quando há correspondência idêntica, fusões que envolvem elementos com estatuto intrassilábico distinto tendem a ser desfavorecidas como base/produto do processo morfológico em questão.**

Com isso, pelo que vimos acima, no ponto de sobreposição, os elementos que se interpõem têm o mesmo estatuto intrassilábico nas palavras-fonte em questão. Nessa medida, os *blends* em geral, e, no caso, os *blends* fonológicos - que têm a sílaba enquanto domínio prosódico - surgem da necessidade discursivo-pragmática de exploração do sentido em porções sonoras, que, vistas em termos de fonologia prosódica, coincidem com constituintes que, devido à regularidade do fenômeno, atingem estatuto morfêmico, mas não de morfema¹⁷ (nos termos clássicos do Estruturalismo).

3.2. ‘*blends* morfológicos’ (ou cruzamento vocabular tipo 2: combinação truncada)

Mesmo não sendo o foco de Nóbrega e Minussi (2015), entendemos que os *blends* morfológicos sejam um escopo interessante para o presente texto, por conta de questões também relativas aos constituintes prosódicos. Entretanto, em comparação com os *blends* fonológicos, no caso *blends* por combinação truncada, o constituinte em questão não é mais a sílaba; o pé métrico, por sua vez, é o constituinte da hierarquia prosódica que figura como domínio para a realização do processo morfológico.

De antemão, reiteramos o que foi escrito no último parágrafo antes do início desta seção: *blends* surgem da necessidade discursivo-pragmática de exploração do sentido em porções sonoras. A diferença é que, no caso dos *blends* morfológicos, a categoria que corresponde ao domínio prosódico em questão, como dito, é o pé métrico, que passa a ser tido em termos morfêmicos.

¹⁷ O conceito estruturalista de morfema já é em si questionado à medida que, na perspectiva da interface entre a morfologia e a fonologia, De Lacy (1999) propõe uma noção de ‘morfema circunscritivo’, ou quando McCarthy (1979; 1981), anos antes na análise da morfologia descontínua de línguas semíticas, propõe a ideia de que o molde em si seja um elemento morfêmico.

(08) *blends* por combinação truncada

Carnaval + copa	=	{[carna] _F [copa] _F } _w
Macumbeiro + crente	=	{[macum] _F [crente] _F } _w
Tapioca + crepe	=	{[tapi] _F [crepe] _F } _w
Tobogã + água	=	{[tobo] _F [água] _F } _w
Brasileiro + uruguaio	=	{[brasi] _F [guaio] _F } _w
Votação + cartoon	=	{[vota] _F [toon] _F } _w
Gratidão + luz	=	{[grati] _F [luz] _F } _w
Safadeza + carinho	=	{[safa] _F [rinho] _F } _w
Carioca + gaúcho	=	{[cari] _F [úcho] _F } _w

Uma análise primeira dos dados mostra de que, no caso de *blends* formados por combinação truncada, (1) as bases envolvidas no processo cedem uma de suas bordas para o processo, (2) a sequência de sílabas escaneada para o processo nunca é interna à palavra, no sentido de *ta[pi.o]ca e (3) *blends* morfológicos não cedem sílabas aleatórias de uma palavra, como *[[vo]]ta[[ção]], mesmo que estas sílabas ocupem cada qual uma das borda. Logo, sendo sempre uma SEQUÊNCIA que se encontra em uma das MARGENS DA PALAVRA.

Linguisticamente falando, a prevalência das bordas sobre posições internas é algo tido como um universal linguístico (NEVINS, 2010). A questão quanto ao alinhamento de categorias prosódicas (incluindo a categoria em análise nesta seção, o pé métrico) e bordas de palavras é uma interação consagrada na literatura de interface entre a morfologia e a prosódia (cf. generalized alignment (McCARTHY; PRINCE, 1993)).

Para a Beckmann (1998), existe um pequeno inventário de posições linguisticamente privilegiadas que desempenham papel importante nos sistemas fonológicos. Essas posições são as que apresentam uma vantagem perceptual no sistema de processamento, via proeminência psicolinguística ou fonética, em relação a posições não privilegiadas. Na lista fornecida pela autora, duas dessas posições estão em jogo nesse tipo de *blend*: sílabas acentuadas e sílabas iniciais de palavras.

Essas questões podem explicar o fato de o escaneamento de sílabas das palavras bases nunca ser interno à palavra, o que fortalece a postulação da prevalência das bordas sobre posições internas. O fato de o escaneamento de sílabas das palavras bases nunca ser aleatório (ou seja, escaneamento de sílabas não contíguas) fortalece a postulação do pé métrico como domínio do processo.

Em se tratando dos *blends* por combinação truncada, vista em termos de McCarthy & Prince (1990), em relação ao que é categórico para o fenômeno, há um *parsing* de uma porção de moras/

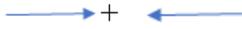
sílabas à esquerda da base esquerda de uma das bases e à direita da outra (a que porta acento e uma eventual átona adjacente). Esse escaneamento regular pode ser tido nos termos abaixo:

Circunscrição Combinação Truncada:

Parâmetro 1: na direção E>>D, mapeie, no input1, uma porção silábica minimamente dessemelhante a um **pé-métrico** e envie ao molde este produto mapeado.

Parâmetro 2: na direção D>>E, mapeie, no input2, uma porção silábica maximamente semelhante ao **pé-métrico nuclear** e envie ao molde este produto mapeado.

Pode-se visualizar esta operação em (09):

(09) Input1 + Input2	Input1 + Input2
carioca + gaúcho	gaúcho + carioca
E>>D + D>>E	
	circunscrição positiva
[cari]oca + ga[úcho]	parseamento da circunscrição 1
[ga] + cari[oca]	parseamento da circunscrição 2

A função de circunscrição, em relação aos dois parâmetros, que foi exemplificada em (09) acima, aplica-se aos elementos em (08), que são dados categóricos para o subtipo de *blending* em questão. Nesse sentido, a circunscrição envia ao molde (como uma estrutura intermediária entre a circunscrição prosódica e as operações de boa-formação prosódica) dois pés métricos escaneados das respectivas bases. Como se vê, a escolha da melhor combinação certamente se dá por conta de fatores fonológicos, pois uma delas ('cariúcho') é perceptualmente mais saliente que outra ('gaoca'). Novamente aqui, semântica e fonologia "caminham de mãos dadas" na formação do *blend*.

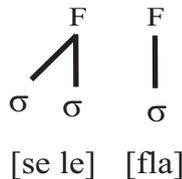
A questão da saliência fônica, como mencionado anteriormente, é uma evidência em favor da proposição teórica do pé métrico como a categoria prosódica que se constitui como domínio para a aplicação da combinação truncada. Da mesma forma, ajuda a explicar por que 'brasiguaió' parece ser preferível (e é, como os dados mostram) em comparação a 'paraleiro', bem como 'portunhol' é mais perfeito enquanto produto da combinação truncada que 'espaguês', mostrando como a fonologia, ao lado da semântica, participa ativamente do processo.

Em relação ao que é categórico para esse tipo de *blend*, a porção silábica equivalente a um pé métrico quase sempre é binária (silábica ou moraicamente falando), e tal fato já automaticamente licencia prosodicamente essas moras/sílabas a pés métricos, na organização da estrutura prosódica dos *blends* formados pela combinação truncada, haja vista que pés métricos em português são

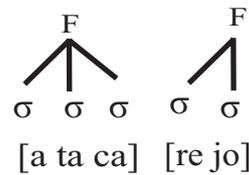
preferencialmente binários. Entretanto, há casos em que o material circunscrito de uma das bases não é binário. Nessas situações, a condição de *strict succession* abaixo é aplicada, equacionando o material ‘excedente’ e o material ‘degenerado’ a um pé métrico¹⁸:

(10)

a) 'selefla' (seleção + fla)



b) 'atacarejo' (atacado + varejo)



Essa condição abarca casos como ‘selefla’ (seleção + flamengo) e ‘atacarejo’ (atacado + varejo), que são, de um ponto de vista prosódico, exceções no caso dos ‘*blends* morfológicos’. No primeiro caso, o material cedido pela base à direita coincide com um pé degenerado; no caso do segundo *blend*, a base à esquerda empresta uma extensão de três sílabas. Em ambos os casos, da sílaba a menos no caso de ‘selefla’ e da sílaba a mais no caso de ‘atacarejo’, *strict succession* impede que haja incorporação direta de sílaba à palavra prosódica, uma vez que a condição prevê que toda sílaba deve ser equacionada primariamente a um pé métrico.

De um ponto de vista empírico, dados relativos a cruzamentos vocabulares por combinação truncada em PB, em seu padrão mais recorrente, aplicam a função de *parsing* a uma informação prosódica das bases relativa a um pé métrico, o que parece justificar a postulação do pé métrico majoritariamente binário como domínio prosódico para esse tipo de *blending* e uma condição de *strict succession*, mesmo que existam dados como ‘selefla’ e ‘atacarejo’.

De um ponto de vista teórico, a postulação de um pé ternário, como em $\{[ataca]_F [\sigma.\sigma]_F\}_w$, em ‘atacarejo’, ou em $\{[democra]_F [\sigma.\sigma]_F\}_w$, em ‘democradura’, é menos controversa do que a postulação de um pé degenerado, como $\{[\sigma.\sigma]_F [fla]_F\}_w$, em relação a ‘selefla’, mas, pensando a partir do que é categórico para este tipo de *blending* – a escansão de um material semelhante a um pé métrico a partir de uma base –, aceitar pés degenerados, sobretudo como casos excepcionais, contribui como vantagem de economia na adequação explanatória. Além disso, é uma forma de evitar um recurso controverso de salto de etapa na formação da estrutura prosódica (* sílaba > palavra prosódica cf. *weak layering* (ITO; MESTER, 1992)).

18 Quanto ao caso de ‘selefla’, entendemos que a segunda base seja ‘fla’, enquanto forma truncada da palavra ‘Flamengo’. Destacamos que a forma ‘fla’ também funciona como um splinter (pedaço de palavra que se presta, como um afixo, à formação de palavras em série) em PB. Contrariamente, no caso de ‘selemengo’, entendemos que a segunda base seja a forma ‘mengo’, que é também produto de truncamento da base ‘Flamengo’.

Nesse sentido, à luz de Hyde (2001), lançamos mão de CSS aplicada a pés métricos, especificada abaixo, a fim de que se evite *weak layering* (salto de etapas na construção da estrutura prosódica), fazendo com que todas as sílabas sejam licenciadas por algum pé métrico dentro do domínio lexical de uma das bases.

Condição de *strict succession* dos *blends* morfológicos (CSS): sílabas /moras devem ser incorporadas a um pé métrico dentro do domínio lexical concernente à base da qual este material foi circunscrito.

Nos casos categóricos, as porções silábicas/moraicas, binárias, circunscritas das bases equivalem, em si mesmas, ao pé métrico tradicionalmente aceito como básico em português. Nesse sentido, em se tratando do que é categórico para *blends* formados por combinação truncada, CSS tem uma aplicação passiva (ou seja, é ‘opaca’). Sua aplicação é ativamente executada quando lidamos com casos de pés não canônicos, como vimos nos casos excepcionais em (10).

De um ponto de vista geral, em relação aos *blends* morfológicos, além dessas duas operações, a circunscrição biparametrizada e a CSS, uma regra geral que atribui, ao pé métrico à direita, o estatuto de pé métrico nuclear no molde, aplica o acento lexical no núcleo desse pé métrico (que, geralmente, é o pé nuclear na palavra base em questão).

Regra de pé nuclear à direita dos *blends* morfológicos (RPND): atribua cabeça prosódica lexical ao pé métrico à direita.

A bem da verdade, a regra acima reflete a acentuação previsível em português, cuja tonicidade está associada às três sílabas finais (à direita) da palavra. Tomando (a) a tendência, a olhar pelos dados, de que *blends* morfológicos tenham o pé métrico como domínio de aplicação do processo morfológico e (b) a questão da prevalência das bordas em contexto linguístico (NEVINS, 2010), não é estranho supor que os pés métricos recorrentemente selecionados sejam circunscritos à esquerda de uma das bordas e à direita da outra.

Levando esse raciocínio para a questão da ordem dos *blends* (em especial, no caso dos *blends* morfológicos), Villalva e Minussi (2022), como dito antes, afirmam que existem várias relações de dominância semântica nos *blends* (núcleo-especificador; especificador-núcleo; núcleo-núcleo). Isso nos leva a admitir que a ordem dos *blends* não é semântica. Do ponto de vista morfosintático, Rio-Torto (2014) aponta que existem várias classes de palavras envolvidas nos *blends*, e certamente essa aleatoriedade não responde pela ordem dos *blends* em si.

Em relação aos *blends* morfológicos, a única generalização possível sobre a ordem dos constituintes é fonológica, já que, independentemente dos fatores semânticos e sintáticos delineados acima, na maioria esmagadora dos *blends* desse tipo, a base à esquerda empresta um pé métrico não nuclear, enquanto a base à direita empresta ao *blend* o seu pé métrico nuclear. E esta questão parece remar na mesma direção do fato de que a acentuação lexical nos *blends*, como especificado em RPND acima, é tão previsível quanto à acentuação em português¹⁹.

¹⁹ Quanto aos *blends* formados por entranhamento lexical, a ordem dos constituintes é dirigida, primeiro: por questões relativas ao estatuto intrassilábico dos elementos envolvidos; segundo, por questões de estrutura métrica das bases envolvidas.

A gramática dos *blends* formados por combinações truncadas, em termos de Morfologia prosódica, pode ser resumida na direcionalidade proposta abaixo:

- 1 - Circunscrição prosódica CV-combinação truncada;
- 2 - Condição de *strict succession* (aplicação ativa quando as porções moraicais/silábicas parseadas das bases são não binárias);
- 3 - Regra de pé cabeça à direita (atribuição de acento lexical nos *blends*);
- 4 - Saída à superfície de dados CV-combinação truncada.

Pelo que se viu acima, o estágio 3, sobre a atribuição de acento lexical ao pé métrico à direita no *blend* morfológico, mostra a plausibilidade de o pé métrico enquanto domínio de análise, uma vez que é estado da arte em fonologia a relação entre o acento, a projeção rítmica, e a estrutura de sílabas da qual essa projeção é extraída.

A circunscrição prosódica na combinação truncada e o escaneamento relativo à grande maioria dos *blends* desse tipo atuam em função das bordas das bases por conta da prevalência das bordas sobre estruturas internas em se tratando de estruturas linguísticas (fidelidade posicional, nos termos de BECKMANN, 1998). Empiricamente, *blends* morfológicos evitam ao máximo a circunscrição de (a) sílabas internas em não borda e/ou (b) sílabas aleatórias mesmo que cada qual ocupando uma das bordas. A relação local que envolve os elementos circunscritos é uma evidência em favor do pé métrico como domínio das combinações truncadas.

A condição de *strict succession*, por último, é um dispositivo da gramática que lida com elementos não categóricos, excepcionais, e sua justificativa enquanto instrumento teórico advém da questão, à luz de Becker (2009), de que casos excepcionais, desde a proposta clássica de fonologia gerativa (CHOMSKY; HALLE, 1968), são alcances lexicais específicos que demandam de regras específicas para a construção da generalização das excepcionalidades.

Considerações finais

No caso dos *blends* fonológicos (CV's por sobreposição lexical), o teor geral da nossa análise foi alcançado, em alguma medida, no trabalho de Marangoni Jr (2021, p. 167), embora o autor centralize a questão fonológica (1) na identidade fonética, (2) no número de sílabas (o que direcionou o autor a uma análise por molde) e (3) na posição acentual das bases. Na nossa análise, entendemos que o *blending* entre as duas bases (em que elementos são sobrepostos ou deletados, portanto 'entranhamento lexical') aconteça maximamente entre dois elementos, relativos às (duas) palavras bases, que ocupem o mesmo estatuto intrassilábico nas bases em questão, levando em consideração que o mapeamento acontece em termos de [Onset]+[Onset] em geral, primariamente, e em termos de [Onset-Rima]+[Onset-Rima] em geral, como segundo 'locus' silábico preferencial para o *blending*; e, por último, em termos de [Rima]+[Rima] em geral.

Além disso, ainda em Marangoni Jr (2021), o autor, em alguma medida, propõe uma análise unificada para os *blends* e, pelo que entendemos à luz da Hierarquia prosódica, existem duas categorias independentes, decisivamente atuantes, cada qual em um tipo de cruzamento vocabular analisado aqui, servindo de domínio para os subtipos do fenômeno: a sílaba, para o cruzamento vocabular por interposição lexical (*'blends fonológicos'*); e o pé métrico, para o cruzamento vocabular por combinação truncada (*'blends morfológicos'*).

Quanto aos *blends* morfológicos, a única generalização possível sobre a ordem dos constituintes é fonológica, já que, independentemente dos fatores semânticos e sintáticos, na maioria categórica dos *blends* desse tipo, a base à esquerda empresta um pé métrico não nuclear na base, enquanto a base à direita empresta ao *blend* o seu pé métrico nuclear (cf. 'portunhol', 'brasiguaió', 'futevôlei'). A circunscrição prosódica na combinação truncada atua em função das bordas das bases por conta da prevalência das margens sobre estruturas internas, em se tratando de estruturas linguísticas.

Nos casos categóricos, as porções silábicas/moraicas, binárias, circunscritas das bases equivalem, em si mesmas, ao pé métrico tradicionalmente aceito como básico em português. Nesse sentido, em se tratando do que é categórico para os cruzamentos vocabulares formados por combinação truncada, CSS tem uma aplicação passiva (é pulada). Sua aplicação é ativamente executada quando lidamos com casos de pés não canônicos.

Entendemos que, no caso dos *blends*, um subtipo de processo morfológico não concatenativo, cuja regularidade geral repousa na relação morfologia-fonologia, como já atestado em uma série de trabalhos (McCARTHY, 1981; McCARTHY; PRINCE, 1990, 1993, 1995 e, para o PB, especificamente, GONÇALVES, 2003, 2009; 2016...), a sílaba, no caso dos *blends* fonológicos, e o pé métrico, no caso dos *blends* morfológicos, constituam-se como domínios prosódicos, em termos de hierarquia prosódica, aos quais esses tipos de *blends* estão circunscritos.

Nesse sentido, a nosso ver, *blends* surgem de uma necessidade discursivo-pragmática de exploração do sentido em função de porções sonoras que coincidem com constituintes prosódicos que, devido à regularidade do processo morfológico em tela, atingem estatuto morfêmico, mas não de morfema, em termos tradicionais.

Referências

BECKER, M. *Phonological Trends In The Lexicon: The Role Of Constraints*, 2009. Doctoral Dissertations 1896 - February 2014. 38.

De LACY, P. Circumscriptive morphemes. In: KITTO, Catherine; SMALLWOOD, Carolyn (eds.), *Proceedings of AFLA (Austronesian Formal Linguistics Association) VI*, 107-120. Toronto: Toronto Working Papers in Linguistics. *Rutgers Optimality Archive 339*, 1999.

GONÇALVES, C. A. V. Cruzamento vocabular em português: a questão das fronteiras com outros processos de formação. In: III Congresso Nacional da ABRALIN. Anais do III Congresso da ABRALIN. Niterói: UFF – *Centro de Estudos Gerais*, v. 1. pp. 824-31, 2003.

- GONÇAVES, C. A. V. Retrospectiva dos estudos em Morfologia prosódica: das circunscrições e regras à abordagem por ranking de restrições. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 53, n. 1, pp. 195-221, 2009.
- GONÇALVES, C. A. V. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo: Contexto, 2016.
- HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed morphology and the pieces of inflection. In: HALE, K.; S. J. KEYSER, (eds.), *The view from building 20*. The MIT Press, 1993, pp. 111-76.
- HYDE, B. *Metrical and prosodic structure in optimality theory*. New Jersey: Rutgers, 2001
- ITO, Junko. *Syllable Theory in Prosodic Phonology*. Doctoral dissertation, University of Massachusetts, Amherst. Published by Garland Press, New York, 1986.
- ITO, J; MESTER, A. *Weak layering and word binarity*. Ms. University of California, Santa Cruz, 1992.
- ITO, J; MESTER, A. Recursive prosodic phrasing in Japanese. University of California, Santa Cruz. May, 2009.
- KAHN, D. Syllable-based Generalisations in English Phonology, Chh 0-1 Dissertation, MIT, 1976.
- MARANGONI JUNIOR, C. E. *A blenditividade na formação de palavras: a derivação dos blends na interface entre morfologia, fonologia e pragmática*, 2021. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.
- MCCARTHY, J. J. A prosodic theory of nonconcatenative morphology. *Linguistic Inquiry*. 26, 1981.
- MCCARTHY, J. J; PRINCE, A. Faithfulness and reduplicative identity. *Papers in Optimality Theory*. 10, 1995.
- MCCARTHY, J. J.; PRINCE, A. Prosodic morphology and templatic morphology. Perspectives on Arabic Linguistics II: *Papers from the Second Annual Symposium on Arabic Linguistics*. 16, 1990.
- MINUSSI, R. D.; NÓBREGA, V. A. A interface sintaxe-pragmática na formação de palavras: avaliando os pontos de acesso da Enciclopédia na arquitetura da gramática. *Veredas*, v. 18, n. 1, pp. 161-84, 2014.
- NEVINS, A. I. Two Case Studies in Phonological Universals. *Biolinguistics*, v. 4, n. 2-3, pp. 218-33, 2010.
- NESPOR, M; VOGEL, I. Prosodic phonology. Dordrecht: *Foris Publications*. Pp. xiv + 327. - Volume 5 Issue 1, 1986.
- NÓBREGA, V. A.; MINUSSI, R. D. O tratamento da morfologia não-concatenativa pela morfologia distribuída: o caso dos *blends* fonológicos. *Revista Letras*, Curitiba, n. 91, pp. 158-77, jan./jun. 2015.
- RIO-TORTO, G. *Blending*, cruzamento vocabular ou fusão lexical em português: padrões estruturais e (des) semelhanças com a composição. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 16, n. 1, pp. 7-29, jan./jun., 2014.
- SELKIRK, E. O. *The syntax of words*. (Linguistic Inquiry Monographs 7.) Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1982.
- SELKIRK, E. On the Major Class Features and Syllable Theory. In: ARONOFF, M.; OEHRLE, R. (eds.) *Language Sound Structure*. MIT Press: 1984, pp. 107-36.

VILLALVA, A.; MINUSSI, R. Description and analysis of a Portuguese *blend* corpus”, *Corpus*, 23, 2022

VITAL, F. S. *Sobre a construção de teorias do acento em uma perspectiva formal: da fonologia gerativa clássica à teoria da Otimalidade*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, 2023.